LEÓN DENIS

EDUCAÇÃO E VIDA FUTURA

LÉON DENIS – EDUCAÇÃO E VIDA FUTURA

Lançamento original em francês:
LÉON DENIS – I' ENSEIGNEMENT ET LA VIE FUTURE
LIBRAIRE LES EDITIONS JEAN MEYER (B.P.S.)
8, RUE COPERNIC, (XVI).
PARIS – 1930.

Tradução: Marcílio Franco da Costa Pereira
Prefácio: Jorge Hessen
Revisão: Guilherme Padilha Leite
Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada:
© 2023

Distribuição gratuita:
Autores Espíritas Clássicos
Portal Luz Espírita

LÉON DENIS

EDUCAÇÃO
E
VIDA FUTURA

Crescit eundo

Quinzième Mille
(Décimo Quinto Milheiro)

PARIS
LIBRAIRE LES ÉDITIONS JEAN MEYER (B.P.S.)
8, RUE COPERNIC, (XVI)
1930

Léon Denis (1846 - 1927)

LÉON DENIS (1846 – 1927)

Léon Denis (lê-se Deni) nasceu num lugarejo chamado Foug, situado nos arredores de Toul, na França, em 01/01/1846. Sua casa era humilde, assim como os pais Josephine (que era materialista) e Ana Lúcia Denis (que era espírita).

Cedo conheceu, por necessidade, os trabalhos manuais e os pesados encargos da família.

Desde os seus primeiros passos neste mundo, sentiu que os amigos invisíveis o auxiliavam. Ao invés de participar de brincadeiras próprias da juventude,

procurava instruir-se o mais possível. Lia obras sérias, conseguindo, assim com esforço próprio desenvolver sua inteligência. Era um autodidata sério e competente.

Jamais desperdiçou um minuto sequer de seu tempo, com distrações frívolas, às quais a maior parte dos homens recorre para matar as horas.

Com 12 anos concluiu o curso primário, e a situação modesta de sua família não lhe permitiu grandes estudos. Desde cedo tinha problemas com sua saúde física - seus olhos principalmente.

Tinha 16 anos quando salientou-se como um dos melhores oradores e dos mais ardentes propagandistas.

Com 18 anos tornou-se representante comercial, o que o obrigava a viajar constantemente, e isto até quase envelhecer.

Denis adorava a música e sempre que podia assistia a uma ópera ou concerto. Gostava de dedilhar, ao piano, árias conhecidas, de tirar acordes para seu próprio devaneio.

Não fumava, era quase exclusivamente vegetariano e não fazia uso de bebidas fermentadas. Encontrava na água a bebida ideal.

Era seu hábito olhar, com interesse, para os livros expostos nas livrarias. Um dia, ainda com 18 anos, o chamado acaso fez com que sua atenção fosse despertada para uma obra de título inusitado. Esse livro era "O Livro dos Espíritos" de Allan Kardec. Dispondo do dinheiro necessário, comprou-o e, recolhendo-se imediatamente ao lar, entregou-se com avidez à leitura. O próprio Denis falou: "Nele encontrei a solução clara, completa, lógica, acerca do problema universal. Minha convicção tornou-se firme. A teoria espírita dissipou minha indiferença e minhas dúvidas". Seu espírito, nessa hora, sentiu-se sacudido em face dos compromissos assumidos no Espaço, para iniciar, em breve, o trabalho de propagação das verdades kardequianas. "Como tantos outros - disse ele -, procurava provas, fatos precisos, de modo a apoiar minha fé, mas esses fatos demoraram muito a vir. A princípio insignificantes, contraditórios, mesclados de fraudes e mistificações, que não me satisfizeram, a ponto de, por vezes, pensar em não mais prosseguir em minhas investigações, mas, sustentado, como estava, por uma teoria sólida e de princípios elevados, não desanimei. Parece que o Invisível deseja experimentar-nos, medir nosso grau de perseverança, exigir certa maturidade de espírito antes de entregar-nos a seus segredos".

Encontrava-se em seus trabalhos de experimentações, quando importante acontecimento se verificou em sua vida. Allan Kardec viera passar alguns dias na pacata cidade de Tours, com seus amigos; todos os espíritas turenses foram convidados a recebê-lo e saudá-lo.

Em 1880, pelas cidades e vilas que percorria, por força de seus afazeres, pronunciava conferências e fundava círculos e bibliotecas populares.

É incalculável o número de conferências por ele proferidas na França, no propósito de propagar a Liga de Ensino, fundada por Jean Macé.

O ano de 1882 marca, em realidade, o início de seu apostolado, no qual teve que enfrentar sucessivos obstáculos: o materialismo e o positivismo que olham para o Espiritismo com ironia e risadas; os crentes das demais correntes religiosas que não hesitam em se aliar com os ateus, para ridicularizá-lo e enfraquecê-lo. Mas Denis, porém, como bom paladino, enfrenta a tempestade. Os companheiros invisíveis colocam-se ao seu lado para encorajá-lo e exortá-lo à luta.

"Coragem, amigo, diz-lhe o Espírito de Jeanne, estaremos sempre contigo para te sustentar e inspirar. Jamais estarás só. Meios ser-te-ão dados, em tempo, para bem cumprires a tua obra".

Em 2 de novembro de 1882, dia dos Mortos, que um evento de capital importância se produziu e sua vida: a manifestação, pela primeira vez, daquele Espírito que, durante meio século, havia de ser seu guia, seu melhor amigo, seu pai espiritual - Jerônimo de Praga -, e que lhe disse: "Vai, meu filho, pela estrada aberta diante de ti; caminharei atrás de ti para te sustentar". E como Léon Denis indagasse se seu estado de saúde o permitiria estar à altura da tarefa, recebeu esta outra afirmativa: "Coragem, a recompensa será mais bela!".

A partir de 1884, achou conveniente fazer palestras visando à maior difusão das idéias espíritas. Escreveu, em 1885, o trabalho "O Porque da Vida" em que explica com nitidez e simplicidade o que é o Espiritismo.

Em 1892, recebeu um convite da Duquesa de Pomar, para falar de Espiritismo em sua residência, numa dessas manhãs célebres, em que se reunia quase toda Paris. Ele ficou indeciso, temeroso. Depois de muito meditar, pesando as responsabilidades, aceitou o convite.

O êxito de seu livro "Depois da Morte" situara-o como escritor de primeira ordem. Os grandes jornais e revistas ecléticas o solicitavam; as tiragens sucessivas desse livro esgotavam-se rapidamente.

Eis a notícia publicada por "Le Journal", de Paris, acerca da reunião na casa da duquesa: "A reunião de ontem, foi uma das mais elegantes, ouvindo-se a conferência de Léon Denis sobre a Doutrina Espírita. De uma eloqüência muito literária, o orador soube encantar o numeroso auditório, falando-lhe do destino da alma, que pode, diz ele, reencarnará até sua perfeita depuração. Ele possui a alma de um Bossuet, soube criar um entusiasmo espiritualista!".

A principal obra literária de Denis foi a concernente ao Espiritismo, mas escreveu, outrossim, segundo o testemunho de Henri Sausse, várias outras, como: "Tunísia", "Progresso", "Ilha de Sardenha", etc.

A partir de 1910, a visão de Léon Denis foi, dia-a-dia, enfraquecendo-se. A operação a que se submeteu, dois anos antes, não lhe proporcionara nenhuma melhora. Suportava, com calma e resignação, a marcha implacável desse mal que o castigava desde a juventude. Tudo aceitava com estoicismo e resignação. Jamais o viram queixar-se. Todavia, bem podemos avaliar quão grande lhe devia ser o sofrimento.

Mantinha volumosa correspondência. Jamais se aborrecia, amava a juventude, a alegria da alma. Era inimigo da tristeza.

O mal físico, para ele, devia ser bem menor do que a angústia que experimentava pelo fato de não mais poder manejar a pena. Secretarias ocasionais a substituíam nesse ofício; no entanto a grande dificuldade para Denis consistia em rever e corrigir as novas edições de seus livros e de seus escritos. Graças, porém, ao seu Espírito de ordem, à sua incomparável memória, superava todos esses contratempos sem molestar ou importunar os amigos.

Depois da morte de sua genitora, uma empregada cuidava de sua pequena habitação. Ele só exigia uma coisa: a do absoluto respeito às suas numerosas notas manuscritas, as quais ele arrumava com meticulosa precaução. E foi justamente por causa dessa sua velha mania que a Duquesa de Pomar o denominara de "o homem dos pequenos papéis".

Em 1911, após despender não pequeno esforço no preparo da nova edição de "O Problema do Ser, do Destino e da Dor", caiu gravemente enfermo. O tratamento enérgico de seu médico, para a pneumonia, pô-lo de pé em curto lapso de tempo.

Grande e profunda dor estava para ele reservada. Veio guerra de 1914 e seu Espírito se condoia ao ver partir para o front a maioria de seus amigos.

Léon padecia, então, de uma doença intestinal e estava parcialmente cego.

Pela incorporação, seus amigos do Espaço e, entre eles, um Espírito eminente, comunicavam-lhe, de tempos em tempos, suas opiniões sobre essa terrível guerra, considerada, em seus dois aspectos, visível e oculto.

Essas práticas levaram-no a escrever certo número de artigos, por ele publicados na "Revue Spirite", na "Revue Suisse des Sciences Psychiques" e no “Echo Fidèle d'un Demi-Siècle”. Através desses artigos, Léon Denis extravasou todo o seu grande amor pela terra em que nasceu, dentro da lei de causa e efeito.

Quando a guerra aproximava-se de seu fim, a "Revue Spirite" passou a publicar, em todos os seus números, artigos de Léon Denis.

Após a guerra de 1914, aprendeu braile, o que o permitiu ficar atualizado e fixar sobre o papel, por meio de grille (impressão em braile), os elementos de capítulos ou artigos que lhe vinham ao Espírito, pois, já nesta época de sua vida, estava, por assim dizer, quase cego.

Em 1915 iniciava ele nova série de artigos repassados de poesia profunda e serena, sobre a "voz das coisas", preconizando o retorno "à natureza".

Nesta época uma forte vento soprava contra e kardequianismo. O fenomenismo metapsiquista espalhava, aos quatro ventos, a doutrina do filosófico puro. O Sr. P. Heuz, fazia muito barulho através de "L'Opinion", com suas entrevistas e comentários tendenciosos. Afirmava, prematuramente, que, à medida que a metapsíquica fosse avançando, o Espiritismo, iria, pari passu, perdendo terreno. Sua profecia, no entanto, ainda não se realizou.

Após a vigorosa resposta do Sr. Jean Meyer, pela "Revue Spirite", Léon Denis, por sua vez, entrou na discussão, na qualidade de presidente de honra da União Espírita Francesa, em carta endereçada ao "Matin", na qual estabelecia, com admirável nitidez, a diferença existente entre o Espiritismo e o Metapsiquismo.

A partir desse momento, Léon Denis teve que exercer grande atividade jornalística para responder às críticas e ataques de altos membros da Igreja Católica, saindo-se, como era de esperar-se, de maneira brilhante.

Dentre as suas múltiplas ocupações, foi presidente de honra da União Espírita Francesa, membro honorário da Federação Espírita Internacional, Presidente do Congresso Espiritista Internacional, realizado em Paris, no ano de 1925. Dirigiu por muitos anos um grupo experimental de Espiritismo, na cidade de Tours.

Enquanto o Codificador exerceu suas nobilitantes atividades na própria capital francesa, Léon Denis desempenhou a sua dignificante tarefa na província, ou pelo interior do país.

Em março de 1927, com 81 anos de idade, terminara o manuscrito que intitulou: "O Gênio Céltico e o Mundo Invisível", e neste mesmo mês a "Revue Spirite" publicava o seu derradeiro artigo.

Terça-feira, 12 de março de 1927, lá pelas 13 horas, respirava Denis com grande dificuldade; a pneumonia o atacava outra vez. A vida parecia abandoná-lo, mas seu estado de lucidez era perfeito. Suas últimas palavras, pronunciadas com extraordinária calma, mas com muita dificuldade, foram dirigidas à empregada Georgette: "É preciso terminar, resumir e... concluir". (fazia alusão ao prefácio da nova edição biográfica de Kardec). Neste exato momento, faltaram-lhe completamente as forças para que pudesse articular outras palavras. As 21:00 horas seu Espírito alou-se. Seu semblante parecia ainda em êxtase.

As cerimônias fúnebres realizaram-se a 16 de abril. A seu pedido, o enterro foi modesto, sem ofício de qualquer igreja confessional. Está sepultado no cemitério de La Salle, em Tours.

Principais obras de autoria de Léon Denis:
Cristianismo e Espiritismo (FEB);
Depois da Morte (FEB);
Espíritos e Médiuns (CELD);
Joana D'Arc, Médium (FEB);
No Invisível (FEB);
O Além e a Sobrevivência do Ser (FEB);
O Espiritismo e o Clero Católico (CELD);
O Espiritismo na Arte (Lachâtre);
O Gênio Céltico e o Mundo Invisível (CELD);
O Grande Enigma (FEB);
O Mundo Invisível e a Guerra (CELD);
O Porquê da Vida (FEB);
O Problema do Ser, do Destino e da Dor (FEB);
O Progresso (CELD);
Provas Experimentais da Sobrevivência; Socialismo e Espiritismo (O Clarim).

Texto de José Basílio, baseado no livro "Páginas de Léon Denis" de Sylvio Brito Soares

Léon DENIS

L'ENSEIGNEMENT

ET

LA VIE FUTURE

Crescit eundo

QUINZIÈME MILLE

PARIS

LES EDITIONS JEAN MEYER (B. P. S.)

8, rue Copernic (XVIe)

1930

PRIX : 0 FR. 25

Capa do livro original publicado pela União Espírita Francesa Ebook disponível no site da **Biblioteca Nacional da França**
https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k15038039.r=L%C3%A9on%20Denis.%20L%27Enseignement%20et%20la%20vie%20future?rk=343349;2#

PREFÁCIO

Em a “Educação e vida futura” LÉON DENIS assegura que a educação vigente (tradicional) é intricada e não abaliza o caminho da vida; deste modo, não instrumentaliza para as lutas da vida. Inobstante indique o cultivo da cultura e a arrumação do intelecto, não logra efetivar a educação intrínseca para a ação, o amor e a devoção autoconsciente.

Reenfatiza que a desordem e a insegurança que há na educação clássica (tradicional) reverberam e se encontram entranhadas em toda a ordem social. Em face disso Denis afirma que a tarefa a ser desempenhada é grande, a educação do homem deve ser inteiramente remanejada. Uma vez que nem a Universidade, nem as instituições particulares e religiosas de ensino, que propõem a pedagogia clássica (tradicional) são capazes de oferecer uma educação essencial, pois não encerram mais as abreviações necessárias para elucidar e incentivar a melhoria das gerações que se sucedem.

Denis exprobra que somente uma estrutura doutrinária pode abonar uma síntese plausível, e essa saída é a do Espiritismo Científico; até porque tal fato já está ascendendo para o horizonte do orbe intelectual e parece fulgurar o futuro.

Mais alguns anos de trabalho paciente, experimento minucioso, pesquisas perseverantes e a nova educação numa perspectiva espírita terá encontrado sua fórmula científica, sua base essencial. E tal acontecimento será o maior evento da História desde o advento do cristianismo.

A ciência moderna analisa o mundo exterior e realmente suas lacunas no universo objetivo são profundas, em face disso, cedendo espaço para as questões espíritas essa será sua honra e glória. Porém, a hegemônica ciência materialista hermeticamente fechada para as coisas do além ainda não sabe nada sobre o universo invisível e o mundo interior. Este é o domínio ilimitado que resta a ser conquistado.

Para saber por quais pactos o homem está unido ao todo, a fim de descer às misteriosas dobras do ser, onde sombra e luz se misturam como na caverna de Platão, a fim de caminhar pelos labirintos, pelos cômodos secretos, visando examinar o eu normal e o eu profundo, a consciência e o subconsciente, que segundo defende Denis, não há estudo mais necessário.

Em realidade, se as Escolas (particulares e ou religiosas) e as Academias (hegemônicas e tradicionalistas) não introduzirem a religiosidade intrínseca e a espiritualidade em seus parâmetros curriculares, nada terão realizado de benéfico pela educação decisiva da humanidade.

Brasília (DF) 20 setembro de 2023

Jorge Hessen

LÉON DENIS – EDUCAÇÃO E VIDA FUTURA

Uma constatação dolorosa atinge o pensador na noite da vida. Torna-se ainda mais pungente por causa das impressões sentidas quando retorna ao espaço. Ele então percebe que o ensino fornecido pelas instituições humanas em geral – religiões, escolas, universidades – se nos ensinam muitas coisas supérfluas, por outro lado não nos ensinam quase nada do que mais precisamos saber para a conduta, a direção da existência terrena e a preparação para a vida após a morte.

Aqueles que têm a elevada missão de iluminar e guiar a alma humana que parecem ignorar sua natureza e seus verdadeiros destinos.

Nos meios acadêmicos, ainda reina uma completa incerteza sobre a solução do problema mais importante que o homem já enfrentou durante sua passagem na Terra. Essa incerteza se reflete em toda a educação. A maioria dos professores sistematicamente exclui de suas lições tudo relacionado ao problema da vida, às questões de propósito e de finalidade.

Encontraremos a mesma incapacidade no padre. Por suas afirmações desprovidas de provas, ele é incapaz de comunicar às almas pelas quais é responsável uma crença, que não mais atende nem às regras da crítica sã nem às exigências da razão.

Na realidade, tanto Universidade quanto na Igreja, a alma moderna só encontra escuridão e contradição em tudo o que toca o problema da sua natureza e do seu futuro. É a esta situação que devemos atribuir em grande medida os males de nosso tempo: a incoerência das ideias, a desordem das consciências, a anarquia moral e social.

A educação dada às gerações é complicada, mas não lhes esclarece o caminho da vida; não as prepara para as lutas da vida. O ensino clássico pode ensinar a cultivar, a ordenar a inteligência; ele não ensina a agir, a amar, a devotar-se.

Ensina ainda menos a formar uma concepção do destino que desenvolva as energias profundas do *eu* e direcione nossos impulsos e esforços para um objetivo maior. No entanto, esta concepção é indispensável a todo ser, a toda

sociedade, porque é o sustento, a suprema consolação nos tempos difíceis, a fonte das virtudes e das altas inspirações.

Carl du Prel relata o seguinte fato. [1]

"Um de nossos amigos, professor universitário, teve a dor de perder sua filha, o que nele reviveu a questão da imortalidade. Recorreu aos colegas, professores de filosofia, na esperança de encontrar consolo em suas respostas. Foi uma amarga decepção: pedira pão, deram-lhe uma pedra; procurava uma afirmação, lhe responderam com um "talvez"!

Francisque Sarcey, esse modelo consolidado do professor universitário, [2] escreveu: "Eu estou nesta terra. Não faço ideia de como aqui cheguei e por que me jogaram aqui. Igualmente ignoro como vou sair daqui e o que vai acontecer comigo quando isso acontecer»

Não se pode admitir com mais franqueza: a filosofia da escola, depois de tantos séculos de estudo e trabalho, ainda é apenas uma doutrina sem luz, sem calor, sem vida [3]. A alma de nossos filhos, jogada entre sistemas diversos e contraditórios: o positivismo de Auguste Comte, o naturalismo de Hegel, o materialismo de Cousin etc., flutua incerta, sem ideal, sem objetivo preciso.

Disso resulta o desânimo precoce e o pessimismo dissolvente, as doenças das sociedades decadentes, as terríveis ameaças ao futuro, às quais se junta o ceticismo amargo e zombeteiro de tantos jovens que só acreditam na fortuna e não honram senão o sucesso.

O eminente professor Raul Pictet aponta esse estado de espírito na introdução de sua mais recente obra sobre as ciências físicas [4]. Ele fala do efeito desastroso produzido pelas teorias materialistas sobre a mentalidade de seus alunos, e conclui:

"Esses pobres jovens admitem que tudo o que acontece no mundo é efeito necessário e fatal de condições primeiras, nas quais sua vontade não intervém; consideram que sua própria existência é necessariamente o brinquedo da fatalidade inescapável, à qual estão de mãos e pés atados.

---

[1] *Carl du Prel, Morte e Além, pág. 7.*

[2] *Petit Journal, crônica, 7 de março de 1894.*

[3] *Sobre os exames universitários, M. Ducros, reitor da Faculdade de Aix, escreveu no Journal des Débats em 3 de maio de 1912: "Parece que entre o aluno e as coisas há como uma tela, não sei que nuvem de palavras aprendidas, de fatos dispersos e opacos. É especialmente na filosofia que se experimenta essa dolorosa impressão."*

[4] *Estudo crítico do materialismo e do Espiritismo, através da física experimental. Félix Alcan, Ed.*

Tudo isso se aplica não só a uma parte de nossa juventude, mas também a muitos homens de nosso tempo e de nossa geração, nos quais podemos observar uma espécie de colapso e cansaço moral.

Myers, por sua vez, admite: "Há", diz ele, (5) "uma inquietação, um descontentamento, uma falta de confiança no verdadeiro valor da vida. O pessimismo é a doença moral do nosso tempo. »

As teorias do outro lado do Reno, as doutrinas de Nietzsche, Schopenhauer, Haeckel, entre outras, também muito contribuíram para desenvolver esse estado de coisas. Sua influência se espalhou por toda parte. Deve-se-lhe atribuir, em grande medida, esse lento trabalho - obra obscura de ceticismo e desânimo - que se apodera da alma contemporânea.

É hora de reagir vigorosamente contra essas doutrinas desastrosas e de buscar, fora da rotina oficial e das velhas crenças, novos métodos de ensino que atendam às prementes necessidades do tempo presente. É preciso preparar os espíritos para as necessidades, para os combates da vida atual e das vidas posteriores: é preciso sobretudo ensinar o ser humano a conhecer-se a si mesmo, a desenvolver, com vistas aos seus fins, as forças latentes que nele estão adormecidas.

Até agora, o pensamento esteve confinado em círculos estreitos: religiões, escolas ou sistemas que se excluem e lutam entre si. Daí essa profunda divisão entre as inteligências, essas correntes violentas e contrárias que confundem e perturbam o meio social.

Aprendamos a sair desses círculos rígidos e a dar livre impulso ao pensamento. Cada sistema contém uma parte da verdade. Nenhum contém toda a realidade. O universo e a vida têm aspectos muito variados, numerosos demais para que algum sistema possa abarcá-los completamente. A partir dessas concepções díspares, é necessário identificar os fragmentos de verdade que elas contêm, aproximá-los, colocá-los de acordo; então, unindo-os aos novos e múltiplos aspectos da verdade que descobrimos a cada dia, caminhar para a majestosa unidade e harmonia do pensamento.

A crise moral e a decadência de nosso tempo decorrem, em grande parte, do fato de que o espírito humano se imobilizou por muito tempo. É preciso resgatá-lo da inércia, das rotinas seculares, levá-lo às grandes altitudes, sem perder de vista as bases sólidas oferecidas por uma ciência ampliada e renovada. Estamos trabalhando para construir essa ciência de amanhã. Ela nos fornecerá o critério

indispensável, os meios de verificação e de controle, sem os quais o pensamento, entregue a si mesmo, correrá sempre o risco de se desviar.

*

* *

A confusão e a incerteza que constatamos na educação reverberam e se encontram, dizíamos, em toda a ordem social.

Em todos os lugares, por dentro e por fora, é um estado preocupante de crise. Sob a superfície brilhante de uma civilização refinada se esconde um profundo mal-estar. A irritação cresce nas fileiras sociais. O conflito de interesses, a luta pela vida são cada vez mais duros. O sentimento do dever se enfraqueceu na consciência popular, tanto que muitos homens não sabem mais onde está o dever. A lei dos números, isto é, da força cega, domina mais do que nunca. A pérfida retórica é aplicada para desencadear as paixões, os maus instintos da multidão, para espalhar teorias doentias, às vezes criminosas. Então, quando a maré sobe e o vento sopra em uma tempestade, eles se escondem ou fogem de qualquer responsabilidade.

Onde está a explicação desse enigma, dessa contradição marcante entre as aspirações generosas de nosso tempo e a realidade brutal dos fatos? Por que um regime que havia suscitado tanta esperança ameaça cair na anarquia, na ruptura de todo equilíbrio social?

A inexorável lógica nos responderá: a democracia, radical ou socialista, em suas massas profundas e em seu espírito dirigente, também inspirada por doutrinas negativistas, só provou alcançar um resultado negativo para a felicidade e elevação da humanidade. Tanto é o ideal quanto vale o homem; tanto vale a nação quanto vale o país!

As doutrinas negativistas, com suas consequências extremas, levam inevitavelmente à anarquia, isto é, ao vazio, ao nada social. A história já passou por isso muitas vezes dolorosamente.

Enquanto se tratou de destruir os resquícios do passado, de dar o último golpe nos privilégios que permaneciam de pé, a democracia usou habilmente seus meios de ação. Mas hoje importa construir a cidade do futuro, o vasto edifício que deve abrigar o pensamento das gerações. E diante dessa tarefa, as doutrinas

---

[5] *Fredrich Myers – A personalidade humana*

negativistas mostram sua inadequação e revelam sua fragilidade. Vemos os melhores trabalhadores lutando numa espécie de impotência material e moral.

Nenhuma obra humana pode ser grande e duradoura se não for inspirada, na teoria e na prática, em seus princípios e aplicações, pelas leis eternas do universo. Tudo o que é projetado e edificado fora das leis superiores, é construído sob a areia, e desmorora.

Ora, as doutrinas do socialismo atual têm uma falha capital. Elas querem impor uma regra em contradição com a natureza e a verdadeira lei da humanidade: o nível igualitário.

A evolução individual e progressiva é a lei fundamental da natureza e da vida. Esta é a razão de ser do homem, a norma do universo. Rebelar-se contra ela, substituí-la por outro fim, seria tão insensato quanto querer impedir o movimento da Terra ou o fluxo e refluxo dos oceanos.

O lado mais fraco da doutrina socialista é a absoluta ignorância do homem, do seu princípio essencial, das leis que regem seus destinos. E quando ignora-se o homem individual, como poder-se-ia governar o homem social?

A fonte de todos os nossos males está na nossa falta de conhecimento e na nossa inferioridade moral. Toda sociedade permanecerá fraca e dividida enquanto a desconfiança, a dúvida, o egoísmo, a inveja e o ódio a dominarem. Uma sociedade não pode ser transformada por leis. As leis e as instituições não são nada sem os costumes e as crenças elevadas. Qualquer que seja a forma política e a legislação de um povo, se ele possui bons costumes e firmes convicções, será sempre mais feliz e mais próspero do que outro povo de moral inferior.

Sendo uma sociedade a resultante de forças individuais, boas ou más, para melhorar a forma dessa sociedade, é necessário primeiro agir sobre a inteligência e a consciência dos indivíduos.

Mas, para a democracia socialista, o homem interior, o homem da consciência individual não existe; a coletividade o absorve por inteiro. Os princípios que ela adota não são mais do que uma negação de toda filosofia elevada e de toda causa superior. Tudo o que se pensa é na conquista de direitos. No entanto, o gozo de direitos não passa sem a prática de deveres. O direito sem o dever, que o limita e corrige, produzirá novas lágrimas, novos sofrimentos.

É por isso que o tremendo impulso do socialismo apenas desloca os apetites, a ganância, as causas do mal-estar e substitui as opressões do passado por um novo e ainda mais intolerável despotismo. Vemos um exemplo disso na Rússia.

Já podemos medir a extensão dos desastres causados por doutrinas negativistas. O determinismo, o materialismo, ao negarem a liberdade e a responsabilidade humanas, minam os próprios fundamentos da ética universal. O mundo moral não é mais do que um apêndice da fisiologia, isto é, o reinado, a manifestação da força cega e irresponsável. As inteligências de elite professam o niilismo metafísico, e a massa humana, o povo, sem crenças, sem princípios fixos, fica entregue a homens que exploram suas paixões e especulam sobre seus desejos.

O positivismo, por ser menos absoluto, não é menos funesto em suas consequências. Por sua teoria do incognoscível, ele suprime as noções de propósito e de ampla evolução. Leva o homem para a fase presente de sua vida, simples fragmento de seu destino, e o impede de ver seu futuro e seu passado. Um método estéril e perigoso, feito, ao que parece, para os cegos de espírito, e que foi falsamente proclamado a mais bela conquista da mente moderna.

Este é o estado atual da sociedade. O perigo é imenso e, se não ocorresse alguma grande renovação espiritualista e científica, o mundo afundaria na incoerência e na confusão.

Nossos governantes já sentem o custo de viver em uma sociedade onde as bases essenciais da moral estão abaladas, onde tudo se confunde, até mesmo a noção elementar do bem e do mal.

As Igrejas, é verdade, apesar de suas formas desgastadas e seu espírito retrógrado, ainda reúnem em torno de si muitas almas sensíveis: mas tornaram-se incapazes de afastar o perigo, pela impossibilidade em que se colocaram de fornecer uma definição precisa do destino humano e da vida após a morte, baseada em fatos convincentes.

A humanidade, cansada de dogmas e especulações sem provas, mergulhou no materialismo ou na indiferença. Não há mais salvação para o pensamento senão em uma doutrina baseada na experiência e no testemunho dos fatos.

De onde virá essa doutrina? Do abismo onde deslizamos, que poder nos puxará? Qual novo ideal devolverá ao homem a confiança no futuro e o ardor pelo bem? Nas horas trágicas da História, quando tudo parecia sem esperança, nunca faltou ajuda. A alma humana não pode ficar completamente atolada e perecer. No momento em que as crenças do passado são veladas, uma nova concepção da vida e do destino, baseada na ciência dos fatos, reaparece. A grande tradição revive sob formas mais amplas, mais jovens e mais belas. Ela mostra a todos um futuro cheio de esperanças e promessas. Saudemos o novo

reinado da ideia, que vence a matéria, e trabalhemos para preparar seus caminhos!

A tarefa a ser cumprida é grande, a educação do homem deve ser completamente refeita. Como vimos, nem a Universidade nem a Igreja são capazes de dar essa educação, pois não têm mais as sínteses necessárias para iluminar a marcha das novas gerações. Somente uma doutrina pode oferecer essa síntese, a do Espiritismo; ela já está subindo para o horizonte do mundo intelectual e parece iluminar o futuro.

Para esta filosofia, para esta ciência, livre, independente, liberta de toda pressão oficial, de todo compromisso político, as descobertas contemporâneas trazem novas e preciosas contribuições a cada dia. Os fenômenos do magnetismo, da radioatividade, da telepatia, são aplicações de um mesmo princípio, manifestações de uma mesma lei que rege, simultaneamente, o ser e o universo.

Mais alguns anos de trabalho paciente, experimentação minuciosa, pesquisas perseverantes e a nova educação terá encontrado sua fórmula científica, sua base essencial. Esse evento será o maior fato da História desde o aparecimento do cristianismo.

A educação, como sabemos, é o mais poderoso fator do progresso. Contém as sementes de todo o futuro. Mas, para ser completa, deve inspirar-se no estudo da vida em suas duas formas alternadas, visível e invisível: da vida em sua plenitude, em sua evolução ascendente em direção às alturas da natureza e do pensamento.

Os preceptores da humanidade têm, portanto, um dever imediato a cumprir. Trata-se de colocar o Espiritismo na base da educação, trabalhar para refazer o homem interior e a saúde moral. É preciso despertar a alma humana, adormecida por uma retórica funesta, mostrar-lhe seus poderes ocultos, forçá-la a tomar consciência de si mesma, a realizar seus destinos gloriosos.

A ciência moderna analisou o mundo exterior; suas marcas no universo objetivo são profundas: essa será sua honra e glória. Mas ela ainda não sabe nada sobre o universo invisível e o mundo interior. Este é o império ilimitado que resta a ser conquistado. Para saber por quais ligações o homem está ligado ao todo, para descer às misteriosas dobras do ser, onde sombra e luz se misturam como na caverna de Platão, para caminhar pelos labirintos, pelos cômodos secretos, para examinar o eu normal e o eu profundo, a consciência e a subconsciência, não há estudo mais necessário. Se as Escolas e as Academias não

o introduzirem em seus programas, nada terão feito pela educação definitiva da humanidade.

Mas já vemos o surgimento e a constituição de toda uma psicologia maravilhosa e imprevista, da qual surgirá uma nova concepção de ser e a noção de uma lei superior que abarca e resolve todos os problemas da evolução e do devir [6].

*

* *

Um tempo está acabando; novos tempos se anunciam. A hora em que estamos é uma hora de crise e de parto doloroso, as formas esgotadas do passado estão empalidecendo e desaparecendo para dar lugar a outras, a princípio vagas e confusas, mas que estão se tornando cada vez mais precisas. Nelas se delineia o pensamento crescente da humanidade.

O espírito humano está em ação: em toda parte, sob a aparente decomposição de ideias e princípios, em toda parte, na ciência, na arte, na filosofia e mesmo no seio das religiões, o observador atento pode constatar que uma gestação lenta e laboriosa gestação está ocorrendo. A ciência, especialmente, lança sementes em abundância com ricas promessas. O próximo século será de poderosas florações.

As formas e concepções do passado, dizíamos, já não são suficientes. Por mais respeitável que essa herança pareça, apesar do sentimento piedoso com que se pode considerar os ensinamentos legados por nossos pais, sente-se, entende-se que esse ensinamento não tem sido suficiente para dissipar o mistério agonizante do porquê da vida.

No entanto, quer-se viver e agir, em nossa época, com mais intensidade do que nunca; mas será que pode-se viver e agir plenamente sem ter consciência do objetivo a ser alcançado? O estado da alma contemporânea exige, reclama uma ciência, uma arte, uma religião de luz e de liberdade que venha libertá-la de suas dúvidas, emancipá-la das velhas servidões e misérias do pensamento, guiá-la para os horizontes radiantes onde se sinta levada por sua própria natureza e pelo impulso de forças irresistíveis.

Fala-se muitas vezes de progresso; mas o que se entende por progresso? É uma palavra vazia e sonora, na boca de oradores majoritariamente materialistas, ou tem um sentido determinado? Vinte civilizações passaram sobre a Terra,

---

[6] *(Devir: [Filosofia] Processo de mudanças efetivas pelas quais todo ser passa.).*

iluminando com seus brilhos a marcha da humanidade. Suas grandes lareiras brilharam na noite dos séculos, depois se extinguiram. E o homem ainda não discerne, por trás dos horizontes limitados de seu pensamento, a vida após a morte ilimitada a que seu destino o leva. Incapaz de dissipar o mistério que o rodeia, ele usa suas forças para as obras terrenas e se esquiva dos esplendores de sua tarefa espiritual, aquela que fará sua verdadeira grandeza.

A fé no progresso não subsiste sem fé no futuro, no futuro de cada um e de todos. Os homens só progridem e avançam se acreditarem nesse futuro e se caminharem com confiança, com certeza, rumo ao ideal vislumbrado.

O progresso não consiste apenas nas obras materiais, na criação de máquinas poderosas e de todas as ferramentas industriais. Também não consiste em encontrar novos dispositivos de arte, de literatura ou formas de eloquência. Seu mais alto objetivo é aprender, alcançar a ideia mestra, a ideia-mãe que fertilizará toda a vida humana; a fonte alta e pura da qual fluirão de uma vez as verdades, os princípios e os sentimentos que inspirarão as obras fortes e as ações nobres.

É hora de compreender que a civilização só pode crescer, a sociedade só pode se elevar se um pensamento cada vez mais elevado, uma luz cada vez mais brilhante vier inspirar, esclarecer os espíritos e tocar os corações, renovando-os. Só a ideia, o pensamento, é a mãe da ação. A vontade de realizar a plenitude do ser, cada vez melhor, cada vez maior, só pode nos levar àqueles longínquos picos onde a ciência, a arte, em uma palavra, toda a obra humana, encontrará seu florescimento, sua regeneração.

Tudo nos diz: o universo é regido pela lei da evolução: é isso que entendemos por progresso. E nós mesmos, em nosso princípio de vida, em nossa alma e nossa consciência, estamos para sempre sujeitos a essa lei. Hoje não podemos ignorar essa força soberana que carrega a alma e suas obras através da infinidade do tempo e do espaço, em direção a um objetivo sempre mais elevado; mas tal lei só é realizável através dos nossos esforços.

Para fazer um trabalho útil, para cooperar na evolução geral e daí recolher todos os frutos, antes de tudo deve-se aprender a discernir, a entender o motivo, a causa e o propósito dessa evolução, a saber para onde ela conduz, a fim de participar, na plenitude das forças e das faculdades que estão adormecidas em nós, desta grandiosa ascensão.

Nosso dever é traçar seu caminho para a humanidade futura, da qual ainda seremos parte integrante, como aprendemos com a comunhão das almas, a revelação dos grandes Mestres invisíveis, e como a natureza também ensina por

suas milhares de vozes, através da renovação perpétua de todas as coisas, àqueles que sabem estudá-la e compreendê-la.

Vamos, pois, em direção ao futuro, à vida sempre renascida, através do imenso caminho que nos é aberto por um espiritualismo regenerado!

Fé do passado, ciências, filosofias, religiões, iluminai-vos com uma nova chama; sacudi vossos velhos lençóis e as cinzas que os cobrem. Escutai as vozes reveladoras da sepultura; elas nos trazem uma renovação do pensamento com os segredos (da vida após a morte), que o homem precisa conhecer para viver melhor, agir melhor e morrer melhor!

Léon Denis

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

A E C
Autores Espíritas Clássicos